



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura da I Expocatador**

São Paulo-SP, 29 de outubro de 2009

Primeiro, eu queria cumprimentar os companheiros catadores de materiais recicláveis do nosso país,

Cumprimentar os nossos ministros,

Os nossos deputados,

Convidar... cumprimentar os nossos prefeitos,

Cumprimentar as empresas públicas que estão aqui, sejam os bancos, sejam Itaipu e Eletrobrás,

E, sobretudo, cumprimentar a Valdirene Ruiz Lopes, presidente nacional da Associação Nacional de Carroceiros e Catadores de Materiais Recicláveis,

E o companheiro Roberto Rocha, representante do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, por meio de quem eu cumprimento toda a diretoria,

Roberto – se alguém afastasse um pouquinho isto aqui, seria ótimo para mim –, Roberto, primeiro, eu tenho que começar com uma explicação: eu vou ter que terminar de falar e vou ter que sair correndo porque eu tenho que ir para a Base Aérea, porque tem um horário marcado para eu falar por telefone com o presidente Medvedev, da Rússia, e vocês sabem que horário... telefonema para chefe de Estado tem que ter hora marcada, dia marcado, e já está marcado para hoje, à 1h30 [às 13h30], então eu tenho que chegar no aeroporto à 1h30 [às 13h30], para que a gente possa fazer a ligação. Então, quando terminar aqui, eu vou fazer como cachorrinho magro: sair correndo e vou embora.

As meninas que querem tirar uma foto aqui, depois fiquem ali na porta



da saída, para a gente poder tirar. Não muita gente, só o pessoal aqui da frente.

Mas eu queria, Roberto, não ler o meu discurso e dizer para você que ouvir os números da Funasa, do Ministério das Cidades, do Banco do Brasil, da Fundação do Banco do Brasil, do Ministério do Trabalho, do BNDES, do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, e saber o tanto de dinheiro que já foi colocado e saber que nos próximos anos, entre o BNDES e os outros bancos, nós vamos colocar mais R\$ 225 milhões para ajudar a financiar os catadores que estão andando pelas ruas.

Bem, eu, então, resolvi aqui, ler dois depoimentos, ler dois depoimentos. Primeiro, eu não sei se o Severino Lima está aqui presente, se tiver levanta a mão por aí, está aqui. Eu vou contar: O Severino, como eu, é nordestino e fala fácil e muito ligeiro para pegar a malandragem dos outros.

O Severino tem 35 anos e, desde os 12 trabalha no lixão de Natal, cidade onde nasceu e vive até hoje. Casado, pai de dois filhos, Severino sente orgulho de dizer que o seu primogênito, Gabriel, 12 anos, conseguiu uma bolsa de estudo em uma escola particular. O que é mais bonito, é que ele frequenta outro ambiente, mas não tem vergonha da vida do pai. Gabriel, que sonha ser jogador de futebol, não esconde de ninguém, e diz com sincera naturalidade: “Meu pai trabalha na catação”. Severino acha que essa segurança tem a ver com o impulso que a atividade dos catadores recebeu nos últimos cinco anos, sobretudo, por conta da visibilidade da categoria, propiciada pelas políticas de apoio de 13 ministros, do Banco do Brasil, da Caixa Econômica e do BNDES.

Há três anos ele ajudou a fundar a Cooperativa dos Catadores de Natal, a Coocamar. Outras cooperativas mais antigas já existiam no Brasil, algumas com 20 anos, mas todas só passaram a ter peso no setor de reciclagem, a partir das decisões e apoio do Governo Federal, diz o nosso querido Severino. Severino acha que o respeito atual pela profissão, que explica o orgulho de um filho pelo trabalho do pai, resulta da autoestima que esse processo trouxe aos



catadores. Você - diz ele aqui - essa frase eu já ouvi muitas vezes. Diz o Severino: “Você precisa se aceitar e se respeitar para que os outros te aceitem e te respeitem”. Uma atitude que fez diferença nessa trajetória, na sua opinião, foi quando o próprio governo passou a se referir aos trabalhadores como catadores e não agentes ambientais ou outros nomes com os quais já se tentou batizar e rebatizar a atividade de catador de papel e de material reciclável.

“O fato de o governo tratar assim o trabalhador, dando à profissão o respeito e a dignidade que todo trabalho merece, mudou a cabeça de muita gente. O preconceito vem sendo afastado da palavra catador”, explica o nosso companheiro Severino.

Severino, a exemplo de muitos outros catadores, acha que o momento decisivo dessa mudança foi quando, três anos, o BNDES criou uma linha de financiamento própria para o setor de reciclagem neste país. “Imagine”, diz Severino, “se um banco como o BNDES demonstra confiança em dar crédito aos catadores, quem vai desmerecer essa função na sociedade? Ora, se o BNDES confia, por que haveria alguém de desconfiar? Ou seja, se Deus está conosco, quem ousará estar contra nós nessa batalha tão importante?”.

É a primeira vez que um Presidente toma água em uma mesa feita com material reciclável, ainda não totalmente pronta.

Bem, Severino acha que foi por conta dessas políticas que o movimento dos catadores do Brasil se transformou em referência mundial no setor. “Hoje vem gente de toda a América Latina e até da Índia aprender com a gente. E acho que a gente tem mesmo o que ensinar”, diz o companheiro Severino, com o peito estufado e muito orgulho no seu semblante.

Severino, o que você sente hoje é, possivelmente, a maior conquista dos catadores. Perder a vergonha de ser catador, não virar o rosto quando está andando com a sua carroça e encontra um conhecido, para eles não saberem que vocês são catadores. Sentir orgulho por aquilo que vocês fazem e levar



para dentro de casa o sustento da família com a honestidade, a decência, que vocês estão levando é, efetivamente, motivo de orgulho que pouca gente tem o que vocês conquistaram. Por isso, parabéns, companheiro Severino.

Mas, tem também aqui, ô Roberto, o depoimento da Maria Madalena Rodrigues Duarte, de Itaúna, Minas Gerais.

Quando Madalena conheceu Antonio, ela já trabalhava desde os sete anos no lixão de Itaúna, cidade a 70 quilômetros de Belo Horizonte. Cadê a Maria Madalena? Ô Madalena, Madalena...

Bem, Madalena tinha 20 anos; o metalúrgico Antonio, da vizinha Brumadinho, era dois anos mais moço. O namoro era só chamego e felicidade, mas Madalena hesitava. Tinha um segredo e Antonio precisava saber. Coisa de novela. “Um dia, diz Madalena, me enchi de coragem e falei: Antonio, preciso te contar uma coisa: eu trabalho na catação”, relata a mineira de fala pausada e muito clara.

Antonio tomou um susto. E os olhos de espanto diziam algo mais do que a voz. Perguntou: “Que catação é essa?”, reagiu, sem esconder que o termo não lhe soava bem. “Mas foi a única vez”, reage Madalena, imitando o alívio que sentiu bem na hora em que ele falou. “Depois que expliquei, ele me olhou e disse: “Se é um trabalho honesto, é um ganha-pão como qualquer outro, vai ajudar a gente a viver juntos”.

Seis, seis anos depois eles se casaram. E há 25 anos vivem juntos. Antonio e Madalena têm duas filhas, ambas monitoras educacionais. Madalena continua na catação; Antonio continua na metalurgia. “Moramos em casa própria, e quem apresentou a declaração de renda para tirar o financiamento fui eu”, conta orgulhosa a catadora que ajudou a fundar e participa da coordenação da Cooperativa de reciclagem da sua cidade. Além disso, por conta desse trabalho, a declaração de renda da Cooperativa foi decisiva também para financiar geladeira, televisão, mobília, e outras coisas que uma casa tanto precisa.



Madalena diz que mal acreditou quando, em 2006, se viu perto do Lulinha aqui, ao lado... lá no BNDES, no Rio de Janeiro, Luciano, na assinatura de um acordo para financiar o “mundo dos catadores”. Diz ela: “Eu nasci na roça; fui para a cidade aos dois de idade; meus pais eram pobres, pobres, mas pobres mesmo”, acentua. Com cinco irmãos, faltava quase tudo na casa. “Aos sete anos eu estava no lixão, ajudando a botar a “*despesa*” dentro de casa.” “Aí, um dia, aos 46 anos de idade, ainda catadora, eu me vejo no meio das mais altas autoridades do País. E não só isso: ouço o Presidente dizer para todo o País que a minha profissão é digna; é importante para a sociedade e para o futuro do Planeta. Meu Deus!”, exclama ela.

Madalena admite que essa percepção ainda não é generalizada no amplo universo dos catadores, mas aposta. Diz ela: “É um sentimento crescente. Deixa aprovar essa nova lei que remunera os serviços do catador” – a lei é a Política Nacional de Resíduos Sólidos, que está no Congresso Nacional desde 2007 – “para ver como o Brasil vai ter mais de 800 mil trabalhadores orgulhosos do seu ofício de catadores neste país”.

Bem, eu poderia parar por aqui, mas vou ler mais duas coisinhas aqui agora, falando do subsídio de tecnologia para os catadores. A Itaipu Binacional, vocês conhecem o carrinho que ela projetou, este triciclo elétrico, que atende a requisitos ergonômicos – ninguém precisa falar ergonômico, porque é difícil, fala qualquer coisa – para dar aos catadores uma ferramenta de trabalho à altura do serviço essencial que prestam à sociedade. O veículo que pretende substituir os carrinhos de mão dispõe, inclusive, de um guincho mecânico para movimentar cargas de maior peso.

Na Expocatador, a Itaipu vai transferir os direitos de patente do veículo, que já é fabricado por uma empresa no Paraná, ao movimento dos catadores. Portanto, são os catadores que vão administrar e vender esses carrinhos daqui para frente.

Falta, agora, viabilizar a linha de financiamento – que já está aqui o



Luciano levantando o dedinho, que o BNDES vai financiar os carrinhos – para que os nossos queridos companheiros catadores tenham acesso às palavras mágicas “inovação e tecnologia”. Daqui a pouco a gente vai andar pelas ruas do Brasil, vai encontrar catador e catadora dirigindo aquele carrinho, nem param para falar *tchau* para a gente.

Então, companheiros e companheiras, eu queria terminar dizendo para vocês que eu acabei de vir de uma feira chamada Fenatran, que é a Feira do Transporte. Estavam lá a Scania, a Volvo, a Ford, a GM, a Volkswagen, tinha lá todas as grandes empresas produtoras de caminhões do mundo, cada caminhão que não cabe dentro deste salão, Roberto, dos maiores empresários do País e do mundo, e eu saio de lá e venho para cá.

E qual é o orgulho que eu sinto? É que eles estão bem porque nós aprovamos uma linha de financiamento de um programa chamado Procaminhoneiro. A indústria de caminhões estava em uma crise desgramada, nós aprovamos um programa chamado Procaminhoneiro e, como diz o Luciano Coutinho, “está bombando” a venda de caminhões, as empresas estão readmitindo trabalhadores. Só para vocês terem um exemplo: a Mercedes Benz, que no ano passado tinha mandado embora 1.200 trabalhadores, este ano, depois do Programa, já contratou 1.300 trabalhadores para produzir os caminhões que ela está vendendo. E ao mesmo tempo, eu saio do lado mais rico – que está bem, por conta das políticas acertadas do governo – e venho aqui na parte mais pobre da população, e sei que se nós ainda não fizemos tudo, nós já fizemos mais do que qualquer outro governo na história do Brasil para, não apenas financiar. O problema não é apenas o dinheiro, o dinheiro é consequência. A maior virtude, além de vocês sustentarem a família de vocês. Nunca um catador pediu para mim para não ser catador, nunca ninguém me disse: “Ô Lula, eu quero sair dessa profissão,” nunca. O que vocês pedem é que a gente respeite o que vocês façam e que a gente crie as condições para vocês trabalhem cada vez mais de forma orgulhosa, sem baixar a cabeça.



Aqui eu quero fazer um apelo aos prefeitos do Brasil. Eu conversei um pouquinho com o Kassab, aqui do lado, eu sei que tem prefeitos aqui ajudando, mas é um apelo que eu quero fazer aos prefeitos brasileiros, aos prefeitos brasileiros de todos os quase 6 mil municípios. Agora que a coisa começou a dar lucro, pode começar a aparecer algumas empresas querendo se apoderar da reciclagem, e as pessoas que até agora trabalharam na reciclagem podem ser jogadas para fora, para atender aos interesses de um grande empresário.

Eu queria pedir – e aqui eu sei que tem prefeito que já faz isso, que mantém os catadores com cidadania –, eu queria pedir a todos os prefeitos deste país que levassem em conta. É muito melhor para a cidade, é muito melhor para o país, é muito melhor para a cidadania a gente ter muitos ganhando pouco do que ter apenas um ganhando muito, como habitualmente nós temos, neste país. É muito melhor.

Esta gente que de forma, eu diria, até humilhante, pelo tratamento que uma parte da sociedade dava a vocês, que não tinha vergonha de passar de carro e jogar um lixo qualquer, achando que vocês eram de segunda categoria e que vocês tinham a obrigação de catar o lixo deles. Vocês estão fazendo hoje muito mais do que catar material, vocês estão ensinando a essa gente pedante, a essa gente arrogante, que o ser humano não pode ser discriminado pela sua profissão, ou pelo trabalho que faz. Essa é a conquista maior de vocês. E eu acho que é isso que nós estamos consagrando.

Eu tenho certeza de que a gente vai contar com os prefeitos, eu tenho certeza de que a gente vai contar com os governadores, eu tenho certeza de que o Congresso Nacional vai aprovar a lei dos resíduos, tenho certeza.

E queria pedir para a imprensa, vocês, companheiros jornalistas que estão aqui na frente. Hoje vocês têm a oportunidade – hoje ou amanhã... até quando vai a Feira? Até sexta-feira, amanhã – vocês têm a oportunidade de fazer a matéria da vida de vocês. Se vocês esquecerem a pauta do editor de vocês e se embrenharem no meio desta gente, escolher um, qualquer um,



qualquer um, para vocês conversarem sobre a vida deles, sobre o sonho deles. Não tem importância que eles falem bem do governo ou falem mal do governo. Publique apenas o que eles falarem, não tentem interpretar. E vocês vão perceber que vocês poderão fazer hoje ou amanhã a matéria que durante os quatro anos de estudo da profissão de jornalismo vocês tiveram que fazer, a grande matéria da vida de vocês, sobre a vida desta parte humilde da sociedade.

E aí vocês vão compreender por que a figura do chamado formador de opinião pública, que antes decidia as coisas neste país, já não decide mais. É porque este povo já não quer mais intermediário, este povo tem pensamento próprio, este povo anda pelas suas pernas, trabalha pelos seus braços, enxerga pelos seus olhos e fala pela sua boca. E o que é mais importante, este povo, gente, adquiriu o gosto, o gosto de uma palavra chamada cidadania. Este povo aprendeu a andar de cabeça erguida, este povo aprendeu a ser dono do seu nariz.

Portanto, meus companheiros e minhas companheiras, eu quero terminar dizendo, Roberto, que graças a Deus vocês existem, porque o mundo é mais limpo quando o pobre toma consciência.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)